

10° Encontro Associação Brasileira de Ciência Política
Ciência Política e a Política: Memória e Futuro

Sessão 6 AT

SAT 90 – Qualidade da Democracia II

Data e Horário: 02/09/2016, de 16:45 a 18:45

Local: Sala Itacolomi

Área Temática: Cultura Política e Democracia

**DA INFLUÊNCIA DOS VALORES CULTURAIS
NA PERCEPÇÃO E PRÁTICA DA CORRUPÇÃO:
DE PERSPECTIVAS TEÓRICAS A EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS**

Thiago de Azevedo Barbosa
Doutorando do Instituto de Ciência Política da
Universidade de Brasília (IPOL-UnB)

Resumo

O que causa a corrupção? É possível estabelecer relações entre atributos culturais identificáveis e a percepção e prática da transação corrupta, ou será esta uma decorrência direta de outros fatores sociais, políticos, geográficos, econômicos ou institucionais independentes da cultura? Pretendemos neste trabalho oferecer respostas a essas questões à luz do crescente corpo teórico do tema e dos mais atualizados e relevantes dados quantitativos disponíveis, buscando operacionalizar evidências empíricas que permitam testar os diversos postulados teóricos que relacionam cultura e corrupção.

Historicamente a maior parte das pesquisas sobre corrupção se enquadra em uma das seguintes categorias: estudos de caso, mais comuns na ciência política, ou modelos teóricos formais, preferidos nas abordagens econômicas. Este trabalho se filia a uma terceira categoria de estudos: a pesquisa comparada transnacional, que ganhou relevância nas últimas décadas (GERRING; THACKER, 2004). Com a ausência de dados quantitativos, os estudos sobre corrupção permaneciam no campo da filosofia política. Apenas recentemente, em virtude da disponibilidade de pesquisas de âmbito mundial como o Índice de Percepção da Corrupção (ICP), disponibilizado pela Transparência Internacional (TI), foi possível comparar a corrupção percebida em vários países do mundo.

A pesquisa comparada transnacional, ao passo em que se vale do importante legado das pesquisas mais tradicionais., busca suplementá-lo ao contornar algumas de suas restrições, permitindo mais facilmente comparar resultados e replicar métodos (limitação comum dos estudos de caso) e testar empiricamente as hipóteses (algo menos simples nos modelos teóricos econômicos). Essa nova ferramenta de análise foi criada a partir das pesquisas transacionais sobre a corrupção, e para Gerring e Thacker “já gerou um novo ramo da literatura, mas ainda precisa ser plenamente explorado em análises multivariadas” (2004, p. 299). Neste trabalho avançamos nessa agenda de pesquisa e testamos, empiricamente, as diferentes relações entre fatores culturais e corrupção apresentadas pela literatura.

Os nossos objetivos nesta pesquisa são investigar as diferentes contribuições teóricas da literatura a respeito das relações entre cultura e corrupção, visando identificar quais elementos culturais são mais fortemente apontados como relacionados à prática corrupta, para então, a partir dessas perspectivas teóricas, elaborar hipóteses empiricamente falseáveis sobre a sua eventual inter-relação com a corrupção.

Ante as várias possibilidades disponíveis para estruturar a metodologia do trabalho e selecionar os dados e variáveis referentes à cultura e corrupção a serem utilizados, optamos por, inicialmente, reproduzir, integralmente e em detalhes, a solução metodológica adotada por Timothy Power e Júlio González (2003) em seu estudo quantitativo e comparativo sobre cultura política, capital social e percepções sobre corrupção em escala global. Acreditamos que essa opção trouxe importantes benefícios. Primeiramente, utilizamos uma estrutura metodológica madura, publicada e revisada pelos pares, desenvolvida por influentes pesquisadores do tema. Em segundo lugar, por meio da adição nos modelos dos mais atualizados dados disponíveis, substancialmente mais robustos, foi possível estabelecer um diálogo construtivo com o trabalho de referência, permitindo observar tendências, comparar resultados e reforçar ou confrontar conclusões anteriores.

Ressaltamos que os novos dados utilizados em nossa análise não são apenas mais recentes, mas são também consideravelmente mais completos e abrangentes, aumentando de forma substancial o número de casos em análise e conseqüentemente o vigor estatístico e a confiabilidade dos achados. Embora esse fato, por si, já adicione outra dimensão explicativa, mais robusta, ao estudo original, optamos ainda por acrescentar diversas outras variáveis culturais – não analisadas pelos autores – em nossos modelos, de forma a explorar novas hipóteses e agregar maior poder explicativo à pesquisa. Por fim, a metodologia adotada, por ser objetiva e replicável, permite maior diálogo e comparabilidade com outras pesquisas correlatas, o que contribui para a construção de conhecimento cumulativo e avanços científicos concretos na disciplina.

Muitos dos principais achados de Power e Gonzalez são corroborados pelos novos dados. A confiança interpessoal, elemento central do capital social, demonstrou ser a mais consistente variável cultural dentre as originalmente estudadas, reforçando os achados de Power e González. Da mesma forma, a tradição protestante apresentou os resultados mais fortes dentre as filiações religiosas, mas, diferentemente do que concluíram os autores, nossos dados revelam existir alguma relação positiva entre corrupção as religiões católica e islâmica. Por fim, o terceiro maior achado do trabalho de referência – que a maior participação feminina no governo tem impacto na redução da corrupção – foi também corroborado. Foi, porém, a nova perspectiva de análise, possibilitada aqui pela inclusão de outras variáveis além das utilizadas no trabalho de referência, que permitiu o nosso contraste mais importante. Power e González concluem que “o nível de corrupção em um determinado país é essencialmente uma função do tipo de regime político e do nível de desenvolvimento econômico” (2003, p. 51). Sofisticando o modelo, verificamos que os dois agregados culturais propostos por Inglehart e Welzel (2010): o eixo de valores tradicionais vs. secular-rationais e o de valores de sobrevivência vs. auto expressão não apenas dominaram consistentemente as variáveis culturais originais, como também apresentaram força estatística e significância maior que as variáveis de controle. Repetindo procedimento análogo ao de Power e González, verificamos que dois terços da variância internacional da corrupção é explicada conhecendo-se apenas essas variáveis culturais!

O estudo demonstra assim que cultura importa, e que mesmo que fatores estruturais como regime político e desenvolvimento econômico ofereçam elevado poder explicativo, a utilização de variáveis culturais adiciona uma importante dimensão de análise quanto às causas da corrupção, sendo em alguns casos mais significativa e relevante que as condições estruturais.

Palavras-chave: Corrupção; Cultura política; Capital Social; World Values Surveys; dados agregados.

Introdução

O que causa a corrupção? Será que a cultura, entendida como o conjunto de valores predominantes em uma dada sociedade (JACOBY, 2014), pode afetar a percepção e prática da transação corrupta? Ou seria a corrupção explicada apenas por fatores estruturais, políticos e econômicos, sem relação com os valores socialmente compartilhados?

Com base no crescente corpo teórico sobre o tema e na disponibilidade recente de dados quantitativos transnacionais atualizados e relevantes, busca-se aqui operacionalizar evidências empíricas a fim de testar as potenciais ligações cultura e corrupção apontadas na literatura. Em forte contraste com a maioria das pesquisas anteriores, nossos achados apontam que os valores culturais são realmente fortes preditores de corrupção em uma dada sociedade – não raro mais fortes do que fatores estruturais, como riqueza ou nível de democracia.

A grande maioria das explicações causais para a corrupção encontrada na literatura se relaciona a fatores econômicos ou políticos. Em uma extensa pesquisa sobre a literatura empírica sobre as fontes de corrupção, Pellegrini (2008) identificou nove fatores institucional e cinco fatores econômicos como as principais causas da corrupção – desses, apenas o protestantismo poderia ser encarado como um fator cultural.

Embora as ligações teóricas entre a cultura e a corrupção abundem na literatura, estudos empíricos sobre o tema são raros, e os seus resultados são de maneira geral inconsistentes. Como interpretar essa lacuna? Talvez isso seja apenas reflexo da incapacidade das causas culturais em explicar a corrupção, ou talvez – e é essa a possibilidade que nos interessa aqui – isso reflita a nossa incapacidade como pesquisadores sociais em fazer as perguntas certas e operacionalizar de maneira eficiente nossos modelos. Propõe-se aqui um passo metodológico simples e efetivo que pode reabilitar a cultura como uma fonte importante para a compreensão da corrupção.

Para alcançar esse objetivo, buscou-se inspiração principalmente nas contribuições de Ansolabehere, Rodden e Snyder (2008) e Inglehart e Welzel (2010). Ainda que os autores pesquisem questões tão diferentes quanto a estabilidade da preferência eleitoral em temas controversos e o papel dos valores culturais na democratização, ambas as abordagens defendem o uso de dados agregados, composto por vários itens, como forma de superar os erros de medição e alcançar uma maior estabilidade e confiabilidade dos dados. Poderia este processo de agregação elucidar a disparidade entre as muitas predições teóricas e as esparsas evidências empíricas sobre a relação entre corrupção e cultura?

Explora-se essa possibilidade incorporando na análise duas importantes variáveis culturais agregadas: os eixos de valores tradicionais vs. valores seculares-rationais, e de sobrevivência vs. valores de auto expressão, desenvolvidos por Inglehart e Welzel (2010). Esses índices são baseados na ideia de que os valores fundamentais de uma sociedade guardam relação entre si, e um índice agregado que incorpore algumas destas variáveis proporciona, de forma mais simples e objetiva, maior valor explicativo do que seus componentes individuais (INGLEHART; WELZEL 2005; 2010). Essa abordagem, como se busca demonstrar aqui, maximiza a alavancagem e fornece uma nova perspectiva de análise para a relação entre a cultura e a corrupção.

O propósito deste artigo é, portanto, dual: demonstrar empiricamente o impacto dos valores culturais sobre a percepção da corrupção, ao mesmo tempo em que se reavaliam limitações metodológicas anteriores, propondo uma abordagem simples, mas impactante: o uso de dados agregados.

Esta é uma tarefa não trivial que impôs alguns desafios: como medir, de forma isolada, o impacto da cultura sobre a corrupção? Que dados devem ser usados para quantificar a corrupção, e como medir objetivamente algo tão abrangente e amorfo como a cultura? Que métodos devem ser utilizados para testar a relação entre os dados? Mais importante: que fontes de dados poderiam fornecer informação coerente e comparável para estas variáveis, proporcionando margem estatística razoável e cobrindo uma vasta gama de diferentes países?

Entre as várias possibilidades disponíveis para estruturar a metodologia de trabalho e selecionar as fontes de dados e variáveis relacionadas à cultura e à corrupção, optou-se por usar como ponto de referência a solução metodológica adotada por Timothy Power e Júlio González (2003) em seu estudo comparativo sobre cultura política, o capital social e as percepções sobre a corrupção em escala global.

Acredita-se que essa opção tem trouxe importantes benefícios. Primeiramente, ela ajuda a melhor situar a pesquisa no campo, usando um desenho metodológico maduro, publicado e revisado, desenvolvido por pesquisadores influentes no tema.

Em segundo lugar, ao atualizar os modelos dos autores com dados mais recentes, substancialmente mais robustos e abrangentes, foi possível aumentar o número de casos em análise e, portanto, a margem estatística e fiabilidade dos resultados. Isso tornou possível estabelecer um diálogo construtivo com a pesquisa anterior, permitindo identificar tendências, comparar os resultados e questionar suas conclusões. A metodologia adotada, objetiva e

replicável, permite uma maior comparabilidade com pesquisas relacionadas, e contribui para a construção do conhecimento cumulativo e para avanços científicos concretos na disciplina. (KING, 1995).

Em adição a isso, uma segunda e mais relevante contribuição deste estudo é metodológica. Argumenta-se que a clara superioridade das explicações estruturais sobre as explicações culturais para a corrupção encontrada na literatura tem duas razões: a maioria dos pesquisadores ainda é reticente sobre o emprego de valores culturais, considerado como "voláteis e pouco confiáveis" (INGLEHART; WELZEL, 2010), e os poucos que ainda tentam incorporar esta dimensão geralmente empregam questões individuais de *surveys*, mais propensas a erros de medição e à instabilidade.

Ao recorrer ao uso de dados agregados e escalonados sobre valores, encontra-se forte evidência de que fatores culturais são tão importantes para entender a corrupção quanto os estruturais. O valor desta abordagem metodológica, como Ansolabehere, Rodden e Snyder, consiste em revelar coisas que estavam lá, mas não podiam ser vistas. (2008, 228).

O trabalho está assim estruturado: na seção seguinte são apresentados a definição de corrupção, o estado da arte na pesquisa sobre o tema e uma revisão das diversas explicações culturais e estruturais sobre a corrupção disponíveis na literatura. Em seguida, apresentam-se as vantagens e deficiências da abordagem de agregação de dados adotada aqui. Essas previsões teóricas culturais e estruturais serão empiricamente testadas na seção seguinte, com a incorporação à análise dos valores culturais agregados. Esta adição fornece uma nova e promissora perspectiva de análise, lançando uma nova luz sobre os achados de Power e González. Ao final, discutem-se os resultados mais relevantes e as implicações e limitações da abordagem proposta.

O que sabemos sobre a corrupção e suas causas

A questão de pesquisa proposta é: o que explica o hiato entre as muitas previsões teóricas e as esparsas evidências empíricas sobre a relação entre a cultura e a corrupção? As duas hipóteses de trabalho são: 1 - valores culturais são fortes preditores da corrupção em uma dada sociedade, e 2 – as falhas na especificação dos modelos nas pesquisas anteriores são parcialmente responsáveis pelos resultados inconclusivos observados até agora. Propõe-se que o uso de dados agregados pode resolver esse quebra-cabeça e reabilitar conjunto de valores predominantes em uma dada sociedade como fonte relevante na análise das causas da corrupção.

Para melhor atender a esses objetivos, busca-se apresentar nessa seção, de forma resumida, o estado da arte na pesquisa sobre as principais causas estruturais e culturais de corrupção disponíveis na literatura. Essas previsões teóricas serão empiricamente testadas na seção seguinte. Por fim, discute-se a adequação e pertinência da abordagem de agregação de dados adotada aqui.

A pesquisa atual sobre corrupção

O estudo da corrupção é um tema desafiador por sua própria natureza. Não há números oficiais sobre os quais se basear, tampouco existe uma definição universalmente aceita. Aqui, adota-se a definição utilizada pela Transparência Internacional, que a conceitua como o abuso do poder confiado para ganhos privados.

Tradicionalmente, a pesquisa sobre corrupção consiste em estudos de caso, recorrentes na ciência política, e modelos formais, mais frequentes na economia. A presente pesquisa se encaixa em uma terceira categoria de estudos: a pesquisa comparada transnacional, que, amparada na recente disponibilidade de pesquisas transnacionais de percepções de corrupção, busca complementar o legado das pesquisas anteriores (GERRING; THACKER, 2004).

Estudos sobre as causas da corrupção são cada vez mais frequentes. Alguns pesquisadores se concentram em fatores estruturais, tais como o regime político, a desigualdade de renda, aparato legal e estrutura tributária. Outros buscam a resposta em elementos mais culturais, tais como religião, educação, diversidade social, gênero, cultura política, confiança e capital social (GERRING; THACKER, 2004).

Para os fins deste trabalho, apresenta-se breve revisão bibliográfica focada sobre as causas estruturais e culturais da corrupção utilizadas por Power e González. Embora outras explicações causais certamente sejam relevantes, as variáveis escolhidas pelos autores estão entre as mais recorrentemente estudadas e abrangem os principais aspectos do assunto. As variáveis culturais são a confiança interpessoal, orientações não-cívicas, tolerância ao suborno, mulheres em todos os níveis do governo, e as tradições religiosas do protestantismo, catolicismo e islamismo. Os fatores políticos e econômicos usados como controles estruturais são PIB per capita, distribuição de renda, democracia política e liberdade de imprensa.

Causas culturais da corrupção

A confiança é um dos valores mais reiteradamente estudados na área. A confiança interpessoal generalizada diminui a incerteza social, incentiva a reciprocidade e a cooperação

espontânea, reduz os custos de transação e melhora o desempenho do governo (PUTNAM, 2000). Além disso, a solidariedade e a expectativa de que outros cidadãos também vão respeitar as regras diminui a inclinação para transgredir.

Quando a confiança é baixa, a lei e as instituições são vistas como meras formalidades (DIAMOND, 1999, p. 208). Portanto, uma confiança interpessoal mais baixa leva a um comportamento não-cívico e está associada com a incerteza, menor cooperação e, conseqüentemente, mais corrupção. Por outro lado, se o estoque de confiança interpessoal em uma sociedade aumenta, a tendência a trair essa confiança e se beneficiar de um ganho privado é enfraquecida.

Às vezes, as percepções sociais sobre a corrupção não refletem as disposições legais (HEIDENHEIMER, 2002). Se a norma não é amparada na aceitação social generalizada, haverá uma maior disposição em desrespeitar tal lei (SPECK, 2000). Por exemplo, se os desvios da norma são socialmente aceitos, como no caso do *jeitinho brasileiro*, haverá uma maior margem para a corrupção (ALMEIDA, 2007).

O papel das diferentes tradições religiosas sobre o nível de corrupção é uma outra questão importante que tem intrigado estudiosos da cultura política. (LOPEZ-DE-SILANES et. al, 1997). O Protestantismo é amplamente relacionado com menos corrupção. Sociedades protestantes teriam mais clara separação entre Igreja e Estado e uma maior tolerância ao questionamento da autoridade, tornando-os mais eficientes em identificar e punir abusos (TREISMAN, 2000). O foco no indivíduo em oposição à família, por sua vez, diminui a propensão para o familismo amoral (LIPSET; LENZ 2002).

Por outro lado, as religiões altamente hierárquicas, como o catolicismo e o islamismo, favorecem uma relação vertical e estão associados a uma menor capacidade de engajamento cívico e, portanto, a uma maior tendência à corrupção (LA PORTA et al., 1999).

O papel do gênero sobre a corrupção é abordado a partir de diferentes ângulos: Dolar, Fisman e Gatti (2001) listam uma série de evidências no nível micro que demonstram que as mulheres seriam menos suscetíveis à prática corrupta os homens: as mulheres seriam mais propensas a oferecer ajuda, a votar com base em questões sociais, a pontuar melhor em testes de integridade, a se posicionar mais fortemente sobre questões éticas e a se comportar de forma mais generosa quando confrontadas com decisões econômicas.

Em um esforço para investigar se essa tendência se mantém no nível macro, Swamy et. al. (2001) realizaram uma análise transnacional e identificaram evidências sólidas de que

a maior participação das mulheres no Parlamento e na força de trabalho estão associados a níveis mais baixos de percepção de corrupção.

Explicações culturais não são, porém, as únicas apresentadas na literatura para explicar as causas da corrupção. Na verdade, como referido anteriormente, a maioria das pesquisas defende a ideia de que as causas da corrupção se encontram em fatores institucionais, políticos e econômicos.

Causas estruturais da corrupção

A relação entre renda, desenvolvimento e corrupção é uma das mais recorrentemente estudadas no campo. Para Jong-Sung e Khagram (2005), os fatores econômicos são considerados as principais causas da corrupção. Treisman (2000) afirma que o maior desenvolvimento econômico está relacionado com a democracia e contribui para aumentar a alfabetização, a educação, a consciência cívica e expansão das relações despersonalizadas. Cada um desses elementos aumenta as chances de qualquer transação corrupta de ser percebida e combatida.

Embora a maioria dos pesquisadores se concentre na relação entre o desenvolvimento (geralmente medido pelo PIB per capita) e a corrupção, Jong-Sung e Khagram (2005) encontraram evidências de que a desigualdade de renda seria tão importante quanto o desenvolvimento econômico na compreensão desta relação. Em sociedades desiguais, os ricos têm mais oportunidades e motivação para a prática de corrupção, e os pobres menos instrumentos para monitorar tais abusos.

Além da perspectiva econômica e cultural, muitos estudiosos – principalmente cientistas políticos – acreditam que as causas da corrupção devem ser buscadas no regime político. De acordo com esta perspectiva teórica, os sistemas políticos mais abertos, democráticos e transparentes proporcionam maior engajamento cívico e são, portanto, menos suscetíveis às práticas corruptas.

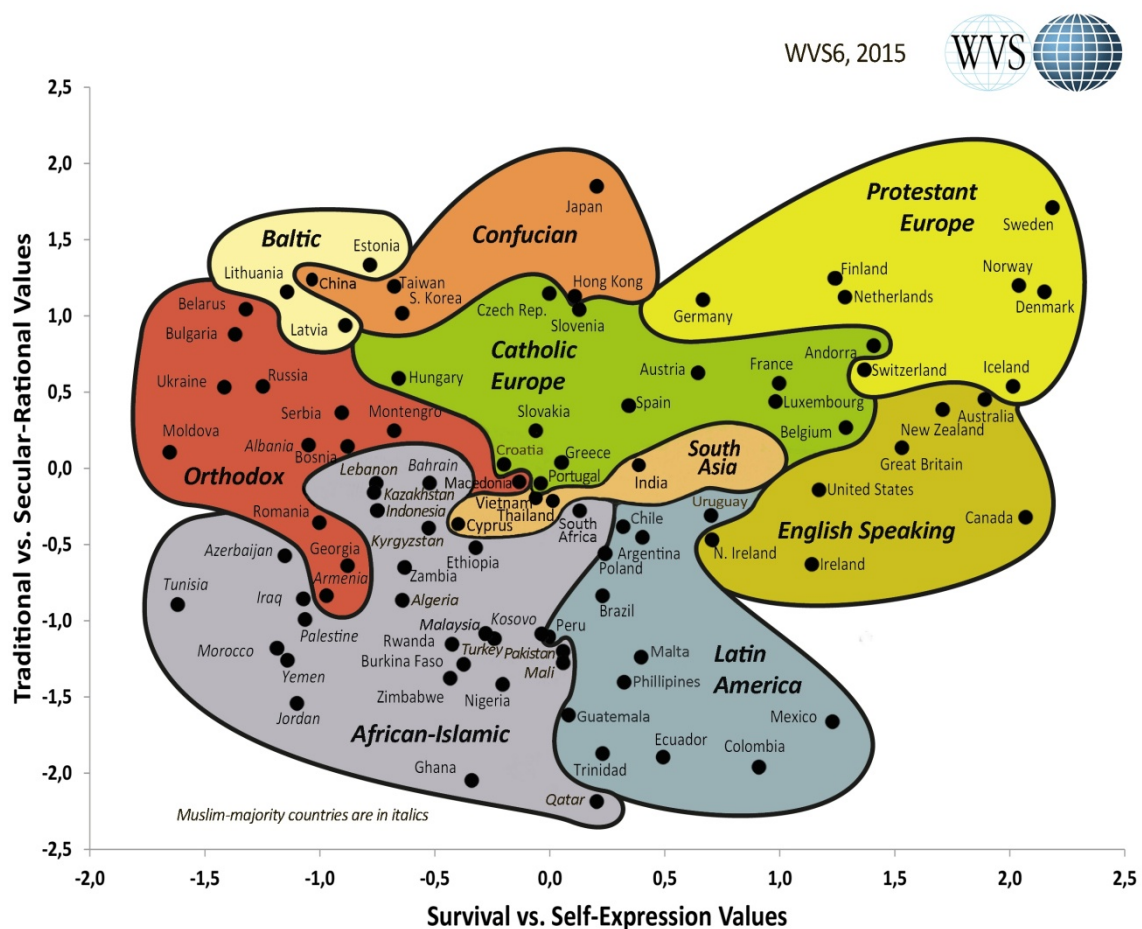
A imprensa livre contribui investigando e denunciando o governo, melhorando a transparência e a prestação de contas. A sociedade tem maior engajamento cívico e a oposição tem espaço para monitorar o governo. Treisman (2000, p. 404), também afirma que a concorrência inerente aos sistemas democráticos age como um potente inibidor da corrupção porque os adversários políticos têm um incentivo claro para vigiar o comportamento do outro, tentando descobrir e divulgar quaisquer desvios e, assim, se beneficiar nas próximas eleições.

Muitas outras relações causais estruturais são abordadas pela literatura, como o liberalismo (CHAFUEN; GUZMAN, 2000), Federalismo (FISMAN; GATTI, 2002) e dependência econômica de exportação de recursos naturais (TREISMAN, 2000).

Resolvendo o quebra-cabeças

Uma breve olhada no Mapa Cultural do Mundo (Figura 1) e no Mapa da Corrupção Mundial (Figura 2) nos permite observar que a maioria dos países com melhor desempenho no ICP são aqueles no canto superior direito, e aqueles com maior percepção de corrupção tendem a ser aqueles na parte inferior esquerda. Além disso, há uma longa tradição de estudos de caso que ligam os valores culturais a práticas corruptas. No entanto, Power e González, ecoando grande parte da pesquisa empírica anterior, não conseguem demonstrar empiricamente essa relação. O que está faltando?

Figura 1 - Mapa Cultural - WVS onda 6 (2010-2014)



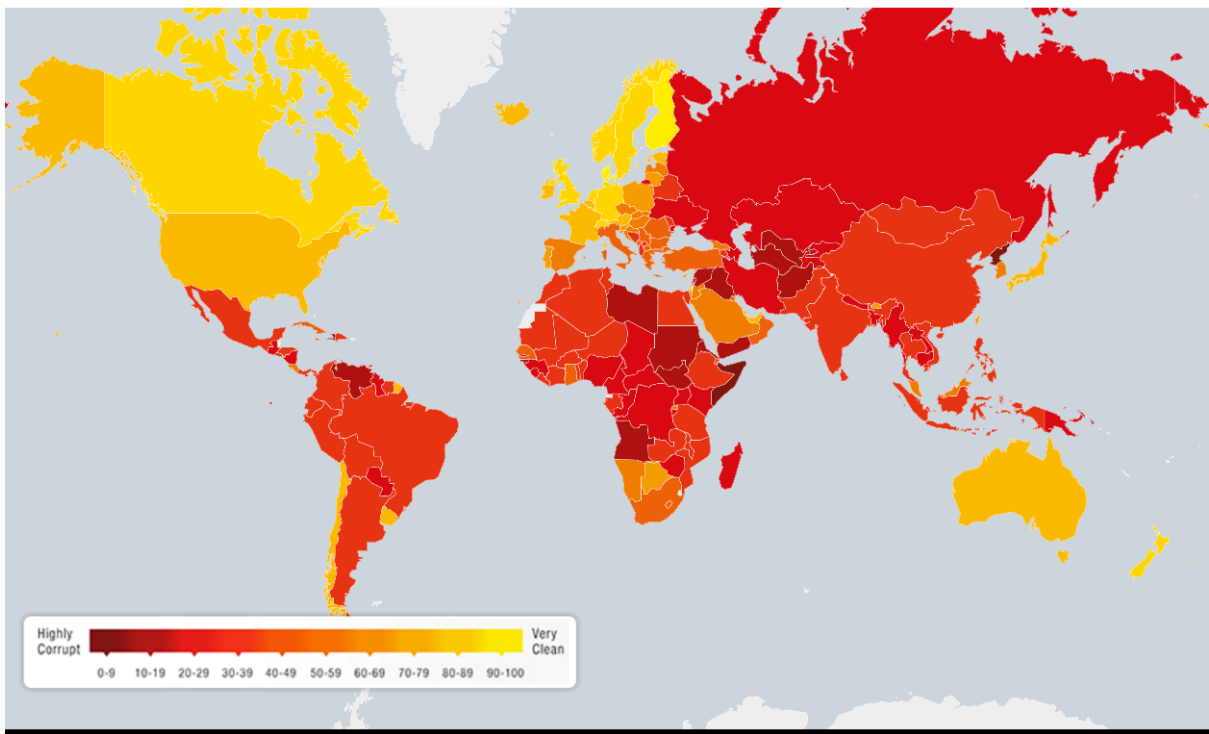
Fonte: World Values Surveys.

http://www.worldvaluessurvey.org/images/Cultural_map_WVS6_2015.jpg

Para solucionar esse quebra-cabeças e superar a lacuna entre as previsões teóricas e resultados empíricos, propõe-se uma solução metodológica: o recurso à agregação de dados, de forma análoga à executada por Ansolabehere, Rodden e Snyder (2008) e Inglehart e Welzel (2010).

Ansolabehere, Rodden e Snyder questionam a ideia generalizada de que os eleitores têm preferências instáveis e incoerentes (CONVERSE, 1964; KINDER, 1988), e demonstram que grande parte dessa aparente inconsistência se deve a erros de mensuração, que as respostas de *surveys* são bem mais coerentes quando estruturadas em torno de valores fundamentais e que "escalas compostas por múltiplas medidas são muito mais estáveis do que itens individuais de *surveys*" (2008, p. 215).

Figura 2 - Índice de Percepção de Corrupção 2015



Fonte: Transparência Internacional. (<http://www.transparency.org/cpi2015>)

Inglehart e Welzel (2010) demonstram que alguns valores culturais de uma determinada sociedade estão ligados à modernização e à democracia. Mais importante, eles defendem que essas atitudes são confiáveis e estáveis ao longo do tempo, e que as pontuações nacionais médias são indicadores sociais legítimos, com estabilidade comparável ao "indicadores sociais padrão tais como o PIB/per capita ou nível de democracia" (p. 553).

Por que agregar?

Embora não exista uma teoria universalmente aceita para guiar um modelo empírico (TREISMAN, 2007, p. 222), um projeto de pesquisa sobre as causas culturais para a corrupção certamente deve adotar dimensões estruturais como variáveis de controle (POWER; GONZÁLEZ, 2003). A especificação de modelos, no entanto, pode ser a chave do quebra-cabeças. A maioria dos pesquisadores tenta identificar e isolar valores ou atitudes específicos, a fim de explorar o seu impacto sobre a corrupção.

O problema reside no fato de que, em estudos transnacionais, que usam o país como unidade de análise, a amostra é naturalmente pequena, e frequentemente não há dados disponíveis sobre todos os países. Além disso, quando se combinam diferentes fontes de dados – como é o caso aqui – cada variável adicional pode reduzir significativamente a amostra em questão e causar volatilidade e inconsistência nos modelos. Em vez de selecionar inicialmente vários itens individuais de *survey*, com o grande risco de ser forçado a abandonar a maioria deles para preservar a margem estatística – como fizeram Power e González –, por que não fazer uso de dados agregados, escalonados?

Para investigar a ideia de que dados agregados, mais abrangentes e menos propensos a erros de mensuração e duplicação teórica, podem reabilitar a cultura como uma importante causa da corrupção, empregam-se os dois eixos culturais desenvolvidos por Inglehart e Welzel (2010) para criar o mapa cultural do mundo. Esses índices são baseados na ideia de que os valores fundamentais de uma sociedade são relacionados uns aos outros, e que um índice agregado que incorpore algumas destas variáveis podem fornecer, de forma simples e objetiva, maior capacidade explicativa do que seus componentes individuais (INGLEHART; WELZEL, 2005; 2010).

O eixo dos valores tradicionais e valores secular-rationais reflete, principalmente, a importância da religião em uma dada sociedade. Sociedades mais próximas do lado tradicional do eixo tendem a rejeitar o aborto, o divórcio e a eutanásia, e a defender os valores tradicionais da família, obediência aos pais e maior deferência à autoridade. A estrutura social tende a ser mais verticalmente hierárquica, o que, combinado com o maior respeito pela autoridade, diminui a capacidade de questionamento da sociedade e contribui para uma maior corrupção. Sociedades mais próximas da extremidade secular-rationais do eixo apresentam menor ênfase na tradição e religião e maior relevo na razão.

O eixo de valores de sobrevivência e valores de auto expressão reflete as mudanças culturais decorrentes da transição de uma economia industrial para uma sociedade pós-

industrial, com a conseqüente mudança nas prioridades, que já não são meramente materiais ou relativas à segurança, mas incorporam o bem-estar e qualidade de vida. (INGLEHART; BAKER, 2000). Os valores de auto expressão estão ainda fortemente associados aos valores de tolerância e aceitação da diversidade, à ênfase na criatividade e bem-estar, e a uma confiança interpessoal mais pronunciada.

Cada uma das dimensões acima explica mais de 70% da variância em 10 indicadores de análise fundamentais (5 para cada eixo). Além disso, eles estão fortemente correlacionados com outros valores fundamentais (INGLEHART; WELZEL, 2010, p. 563).

Dados

Nesta seção, são apresentadas as fontes de dados e operacionalização das variáveis usadas nos testes empíricos. Devido à opção metodológica de utilizar o trabalho de Power e González como referência, replica-se a sua seleção de fontes de dados e operacionalização de variáveis, a fim de garantir a comparabilidade dos resultados.

A nossa variável dependente é o Índice de Percepção da Corrupção (ICP) elaborado pela Transparência Internacional (TI). O ICP é uma "pesquisa de pesquisas", um índice composto que parametriza e padroniza os dados de várias pesquisas independentes sobre cada país e avalia o grau de percepção de corrupção por seus habitantes e especialistas, dando as notações dos países de zero ("absolutamente corrupto") a dez ("absolutamente honesto").

O ICP foi publicado pela primeira vez em 1995, composto por 41 países, e desde então tem sido disponibilizado a cada ano pela Transparência Internacional, abrangendo atualmente 168 países. A ICP é provavelmente o mais conhecido e influente índice de corrupção mundial. De acordo com Speck (2000), o recente aumento do interesse acadêmico sobre a corrupção foi parcialmente proporcionado pela melhoria de técnicas de medição de corrupção, principalmente o ICP.

A World Values Survey (WVS), pesquisa mundial de valores, é a principal fonte para as nossas variáveis culturais. A WVS é um projeto de pesquisa global que, desde 1981, vem investigando os valores e crenças de pessoas em mais de 80 países, abarcando mais de 90% da população mundial.

A WVS é a nossa fonte para as medidas de confiança interpessoal e orientações não cívicas, além das nossas variáveis culturais agregadas, os eixos de valores tradicionais vs.

valores seculares-rationais e de sobrevivência vs. auto expressão, detalhados na seção anterior.

As variáveis independentes sobre as filiações Protestante, Católica e Islâmica foram estimados com base em dados publicados no CIA World Factbook. (Central Intelligence Agency, 2000; 2010)

As variáveis "democracia política" e "liberdade de imprensa" foram baseadas em dados da Freedom House (2011). Para operacionalizar a variável "democracia política", combinamos os valores atribuídos aos direitos políticos e às liberdades civis.

Nossa fonte para a medida de participação de mulheres no governo é o Relatório de Desenvolvimento Humano (Nações Unidas, 1999; 2011). Finalmente, para avaliar o desenvolvimento econômico e a desigualdade de renda usamos o Produto Interno Bruto real *per capita* (Purchasing Power Parity) e o coeficiente de Gini, fornecido pelos dados do Banco Mundial.

Resultados

Nesta seção serão apresentados a análise dos dados e os resultados da nossa proposta metodológica. Antes de chegar ao seu modelo final, usados aqui como um ponto de referência para testar a abordagem metodológica proposta. Power e González avaliaram os efeitos isolados das variáveis culturais sobre a corrupção, por meio de modelos multivariados simples, controle de condições políticas e econômicas.

A combinação destas numerosas variáveis de controle com as muitas variáveis culturais selecionadas levou a uma série de problemas e complicações na análise multivariada. A ausência de dados para algumas variáveis, especialmente os relacionados com a filiação religiosa, levou a uma diminuição considerável na amostra disponível, o que gerou uma segunda grande dificuldade: a volatilidade dos modelos resultantes da combinação de muitas variáveis e um relativamente pequeno número de casos.

Para contornar os desafios acima, os autores procuraram refinar os modelos, eliminando variáveis que pareciam ser menos relevantes ou apresentaram risco de duplicação teórica, visando o desenvolvimento de modelos minimalistas mais adequados ao pequeno tamanho da amostra. As variáveis descartadas incluem filiação ao catolicismo e islamismo, a orientação não-cívica, a desigualdade de renda e liberdade de imprensa.

Embora reconheçam que esta solução é menos satisfatória, eles escolheram a “estratégia comum de trocar complexidade teórica inatingível por vantagem estatística alcançável..” (p. 60). Ficamos com 3 variáveis culturais, a confiança interpessoal, a porcentagem de filiação ao protestantismo e mulheres no governo. As demais variáveis de controle políticas e econômicas são a Democracia e PIB per capita.

Reavaliando o impacto da cultura sobre a corrupção

Nesta seção são apresentados os resultados da abordagem metodológica proposta de recorrer aos dados culturais agregados para avaliar o impacto de valores socialmente compartilhados como preditores de corrupção. Para explorar o poder explicativo dos agregados culturais escolhidos – os eixos de valores tradicionais e racionais e valores de sobrevivência e auto-expressão – e ainda preservar a comparabilidade com os resultados anteriores, foi mantida a estrutura anterior. Os resultados são apresentados na Tabela 1.

Preliminarmente, é importante notar que a amostra é muito mais abrangente em T2. Os Modelos 1 e 2 foram desenhados por Power e González. Os dados apresentados em T1 são baseados em 2000, e T2 apresenta a contribuição desse estudo, através da replicação com dados mais abrangentes e atuais. Os Modelos 3 e 4 assimilam os agregados culturais e apresentam a contribuição original da presente pesquisa.

O Modelo 1 é apenas exploratório, e não apresenta nenhuma das variáveis culturais. Em vez disso, estima a corrupção com base somente em condições econômicas e políticas: o PIB per capita e Democracia. A ideia dos autores foi apresentar um contraponto, um parâmetro de comparação para outros modelos. Este é também o modelo com o maior número de casos. Ele indica que, conhecendo apenas os dados sobre democracia e riqueza já é possível prever a maior parte da variação observada no Índice de Percepção da Corrupção (78% em T1 e 64% em T2).

O Modelo 2 representa a especificação final anterior do modelo de Power e González, incorporando todas as variáveis culturais e estruturais que sobreviveram ao processo de refinamento. Esse modelo também tem a menor amostra. Confiança interpessoal e PIB per capita são as variáveis mais significativas, praticamente dominando as demais variáveis de mulheres no governo, porcentagem de protestantes e Democracia. O R ajustado foi 0,88 em T1 e 0,77 em T2.

Tabela 1. Modelos multivariados do impacto dos valores culturais sobre corrupção, controladas pela democracia e riqueza.

Variável		Modelo 1 - Estrutural Exploratório		Modelo 2 - Especificação final anterior		Modelo 3 - Cultural Exploratório	Modelo 4 - Especificação final proposta
		2000 (T1)	2010 (T2)	2000 (T1)	2010 (T2)	2010 (T2)	2010 (T2)
Valores tradicionais vs. valores racionais	b					-0.92	-0.45
	t					-6.86***	-2.89***
Valores de Sobrevivência vs. Valores de auto expressão	b					-1.46	-1.07
	t					-10.73***	-6.68***
Confiança Interpessoal	b			-0.04	-0.05		
	t			-1.78*	-2.94***		
(%) Protestante	b			-0.01	-0.01		
	t			-1.25	-0.66		
Mulheres no governo	b			0.01	-0.03		
	t			0.24	-1.4		
PIB per capita	b	-2.19	-0.87	-1.74	-0.19		-0.45
	t	-11.52***	-10.09***	-4.09***	-0.53		-2.57**
Democracia	b	-0.11	-0.21	-0.14	-0.34		-0.14
	t	-2.25**	-6.91***	-0.2	-2.51**		-2.8***
Constant	b	8.39	15.59	9.61	12.97	4.94	10.77
	t	18.99***	23.17***	6.66***	5.79***	34.73***	6.83***
R2 ajustado		0.78	0.64	0.88	0.77	0.67	0.76
Durbin-Watson			1.96		1.91	1.96	1.94
N		79	164	25	32	88	84

Fontes: Power e González (2003); Transparency International (2010); United Nations (2009; 2010); Freedom House (2011), World Values Survey (2009).

NOTA: Níveis de significância: * p < 0,10, ** p < 0,05 *** p < 0,01

Esses resultados levaram os autores a concluir que a adição de variáveis culturais para a análise da corrupção só pode trazer benefícios limitados e vantagens marginais. Na verdade, esta conclusão está em conformidade com a maioria das pesquisas anteriores, e é incontestável se tomarmos como parâmetro apenas os dados utilizados pelos autores (mostrados aqui em T1, modelos 1 e 2). A adição de dados mais recentes e abrangentes e, mais importante, o uso de índices agregados, pode contar uma história completamente diferente e levar a conclusões contrastantes, como demonstrado abaixo.

Busca-se aqui investigar se a chave para reabilitar o impacto dos valores culturais sobre a corrupção reside em uma especificação mais adequada dos modelos. Power e González abordam a cultura principalmente através itens individuais WVS, (como confiança, tolerância ao suborno ou religião) para explicar a corrupção, (usando como medida o ICP, um agregado padronizado de vários diferentes levantamentos) em modelos controlados pelo PIB

(um dos principais agregados econômicos, que responde por todos os bens e serviços finais produzidos em um ano) e Democracia (agregado de duas pontuações da Freedom House, os direitos políticos e liberdades civis, cada uma composta por uma escala composta por múltiplos itens que comporta, entre outros, o funcionamento do governo, estado de direito, a autonomia pessoal, os direitos individuais e processo eleitoral (Freedom House, 2011)).

Não deveria causar nenhuma surpresa que itens individuais de *survey*, mais subjetivos e suscetíveis a erros de medição, não tenham um desempenho tão consistente quanto os sofisticados e abrangentes índices agregados. Além disso, o conjunto de protestantismo, mulheres no governo e confiança provavelmente não é uma amostra representativa das principais orientações culturais globais. Será que os mesmos resultados persistiriam se, em vez de itens individuais, fossem utilizadas medidas agregadas de valores culturais, mais abrangentes? Essa é uma questão que certamente vale a pena explorar, e é testada nos modelos 3 e 4, que funcionam como um contraste aos modelos anteriores.

O Modelo 3 é meramente exploratório, e funciona como contraste ao Modelo 1, que foi estruturado apenas com as variáveis de controle políticas e econômicas, excluindo quaisquer variáveis culturais da análise. Recorre-se aqui à estratégia oposta: este modelo minimalista é composto por ICP, nossa variável dependente, e duas variáveis independentes, os índices culturais agregados que formam o eixo cultural de valores de sobrevivência e auto expressão e os valores tradicionais e racionais.

Os resultados fornecem um sólido contraponto às considerações de Power e González, e mostram que o impacto da cultura na corrupção está longe de ser irrelevante. Com base neste modelo, conhecendo apenas a posição dos países nessa escala bidimensional de valores, seria possível determinar mais de dois terços da sua variância sobre a corrupção, com maior significância estatística capacidade de estimação do que os controles estruturais.

Embora relevantes e promissores, esses resultados notáveis devem ser vistos com alguma reserva, uma vez que existe uma complexa inter-relação entre as variáveis culturais, econômicas, políticas e institucionais (INGLEHART, 1997). Será que a abordagem cultural mantém a sua força quando controlada pelos fatores estruturais? Essa questão é abordada no último modelo.

O Modelo 4 representa a especificação completa e final do nosso modelo. Ele funciona como um contraponto ao Modelo 2, emulando as mesmas variáveis independente, dependentes e de controle, mas em vez do conjunto de valores culturais composto por

confiança interpessoal, protestantismo e mulheres no governo, uma vez mais recorreremos aos dois eixos culturais agregados de valores de sobrevivência e auto-expressão e valores tradicionais e racionais.

Desta vez, os resultados são ainda mais impactantes. Mesmo quando controlado por variáveis estruturais, os dois índices culturais adotados aqui não apenas mantiveram a sua força, mas se provaram mais relevantes para explicar a corrupção do que os controles políticos e econômicos que tão amplamente dominaram a análise anterior.

Os resultados reforçam claramente a hipótese de que os valores culturais são preditores fortes e relevantes da corrupção em uma dada sociedade, e que a enorme disparidade entre as previsões teóricas e os frágeis resultados empíricos observados até agora talvez seja um mero artefato de especificações de modelos imprecisos e incompletos. Propõe-se que o uso de dados culturais agregados, mais parcimoniosos e abrangentes, seja a chave para resolver este quebra-cabeças, o que proporcionará avanços concretos na disciplina.

Discussão: menos é mais?

Ao longo deste trabalho, procurou-se investigar a relação entre conjunto de valores predominantes e a percepção e prática da corrupção em uma dada sociedade, com o objetivo preencher a lacuna entre as numerosas e vigorosas predições teóricas e os modestos resultados empíricos em relação a este assunto encontrados na literatura. As implicações desta análise são a um tempo substantivas e metodológicas.

A solução metodológica adotada por Power e González (2003) em seu estudo sobre a cultura política, o capital social e percepções de corrupção foi usada aqui como um ponto de referência. Essa opção foi produtiva e permitiu um diálogo útil e profícuo com a sua pesquisa anterior, proporcionando a identificação de tendências, a comparação dos resultados e a releitura dos achados anteriores. Apesar disso, a principal contribuição deste trabalho é metodológica.

Em primeiro lugar, parece claro que os agregados culturais desenvolvidos por Welzel e Inglehart efetivamente capturam a força de valores fundamentais e transcende o poder explicativo das variáveis analisadas individualmente. O poder explicativo dos valores de auto expressão é extraordinário, com um forte impacto negativo sobre a corrupção percebida.

Em segundo lugar, a robustez dos resultados permite lançar um novo olhar sobre a opinião de Power e González, para quem a “cultura “importa” mas, quando comparada a

fatores estruturais como a riqueza nacional e a democracia política, ela pode não “importar muito”. (2003, p. 64). Para os autores, bem como para grande parte dos pesquisadores no campo, a corrupção seria quase que completamente explicada pelo grau de democracia política e da riqueza nacional, e incorporar à análise os valores culturais socialmente compartilhados não traria senão um poder explicativo marginal.

Em vez de se concentrar em um ou alguns poucos itens de pesquisa individuais isolados, como fizeram Power e González (2003), Treisman (2010) e outros, seguiu-se aqui os conselhos de Inglehart e Welzel (2010) e Ansolabehere, Rodden e Snyder (2008), que recorreram ao expediente da agregação de dados a fim de minorar os erros de mensuração e eventuais duplicações teóricas. Essa abordagem metodológica, que conduziu a resultados sobremodo sólidos e substanciais, em forte contraste com a maioria das pesquisas anteriores, exige algumas considerações.

A abordagem utilizada no presente trabalho foi simples. Partindo do mesmo quadro metodológico e usando até as mesmas fontes para valores culturais utilizados por Power e González, aperfeiçoamos as especificações dos modelos recorrendo a dados agregados, o que permitiu reavaliar as conclusões anteriores e demonstrou que os valores culturais são ainda mais competentes para explicar a corrupção do que os fatores estruturais que tão amplamente prevalecem na maior parte da pesquisa anterior.

O impacto significativo da cultura sobre a corrupção foi largamente previsto pela teoria, mas os estudos empíricos falhavam em demonstrar esse impacto. Como isso pode ser explicado? Os cientistas sociais são reticentes quanto ao uso de dados de estudos comparativos de grande N, frequentemente tidos por voláteis e pouco confiáveis (Inglehart; Welzel, 2010). Mesmo quando recorremos a esse tipo de dados, frequentemente olvidamos que variáveis individuais de *surveys* estão particularmente sujeitas a erros de mensuração. Para contornar esse problema, propõe-se que devemos recorrer a dados agregados, escalonados.

"Às vezes o mérito de aperfeiçoar a metodologia reside em nos convencer ainda mais firmemente de uma ideia amplamente aceita. Outras vezes seu valor está em nos permitir enxergar coisas que antes estavam fora de alcance" (Ansolabehere, Rodden e Snyder 2008, 228)" Como foi o caso com Ansolabehere, a presente análise empírica se aproxima mais da última situação, e a adoção desse procedimento metodológico simples nos permitiu chegar a uma conclusão totalmente diferente: a cultura importa, e importa muito.

Ainda que essa perspectiva metodológica pareça promissora e possa representar um passo importante na reabilitação de valores culturais como instrumentos relevantes para entender a corrupção, duas considerações finais são cabíveis aqui.

Em primeiro lugar, embora esta abordagem possa lançar uma nova luz sobre o assunto, os modelos analisados são reconhecidamente exploratórios. Uma pesquisa mais abrangente e sofisticada é necessária, a fim de entender melhor exatamente que valores culturais podem aumentar ou enfraquecer o comportamento corrupto em uma dada sociedade.

Em segundo lugar, deve-se salientar que existe uma relação e complexa entre valores culturais e o ambiente político, econômico e institucional. Como afirma Landes (2002), a maior parte da diferença observada no desenvolvimento econômico vem da cultura, e mas a cultura não é um elemento isolado. “As análises econômicas partilham a ilusão de que uma boa razão deveria bastar, mas as determinantes de processos complexos são invariavelmente plurais e inter-relacionadas. Explicações monocausais não funcionam.” (2002, p. 40).

A análise aqui apresentada reforça a ideia que permeia toda a pesquisa: a relação entre a cultura e as condições estruturais não é unidirecional, mas multivariada e complexa, e qualquer tentativa de compreender as causas das diferenças observadas internacionalmente na percepção e prática da corrupção deve necessariamente levar essa inter-relação em conta. Há decerto um longo caminho a percorrer até uma satisfatória elucidação dos mecanismos causais que atuam na relação entre cultura e corrupção, mas empiricamente reabilitar a cultura como um relevante fator na compreensão do fenômeno parece ser um primeiro e fundamental passo nessa direção.

Referências

ALMEIDA, Alberto Carlos. **A cabeça do brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 4a ed., 2007.

ANSOLABEHERE, Stephen; RODDEN, Jonathan; SNYDER, James M. The strength of issues: Using multiple measures to gauge preference stability, ideological constraint, and issue voting. **American Political Science Review**, v. 102, n. 02, p. 215-232, 2008.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. **CIA World Factbook 2000**. Washington, 2000. Disponível em <<https://www.cia.gov/library/publications/download/download2000/index.html>>. Acesso em 20 jun 2016.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. **CIA World Factbook 2010**. Washington, 2010. Disponível em <<https://www.cia.gov/library/publications/download/download2010/index.html>>. Acesso em 20 jun 2016.

CHAFUEN, Alejandro; GUZMAN, Eugenio. Economic freedom and corruption. **2000 Index of Economic Freedom**, p. 51-63, 2000.

CONVERSE, Philip E. **The Nature of Belief Systems in Mass Publics. In Ideology and Discontent**, ed. David Apter. New York: Free Press. 1964.

DIAMOND, Larry. **Developing democracy: Toward consolidation**. JHU Press, 1999.

DOLLAR, David; FISMAN, Raymond; GATTI, Roberta. Are women really the “fairer” sex? Corruption and women in government. **Journal of Economic Behavior & Organization**, v. 46, n. 4, p. 423-429, 2001.

FREEDOM HOUSE. **Freedom in the World 2011**. 2011a, Disponível em <<http://www.freedomhouse.org/report/freedom-world/freedom-world-2011>> Acesso em 20 jun 2016.

FREEDOM HOUSE. **Freedom of the Press 2011**. 2011b, Disponível em <<http://www.freedomhouse.org/report/freedom-press/freedom-press-2011>> Acesso em 20 jun 2016.

GERRING, John; THACKER, Strom C. Political institutions and corruption: The role of unitarism and parliamentarism. **British Journal of Political Science**, v. 34, n. 02, p. 295-330, 2004.

HEIDENHEIMER, Arnold J. Perspectives on the Perception of Corruption. **Political Corruption: Concepts and Contexts**, v. 3, p. 141-154, 2002.

INGLEHART, Ronald. **Modernization and Postmodernization: Cultural, Economic and Political Change in 43 Societies**. Princeton: Princeton University Press, 1997.

INGLEHART, Ronald; BAKER, Wayne E. Modernization, cultural change, and the persistence of traditional values. **American sociological review**, p. 19-51, 2000.

INGLEHART, Ronald; WELZEL, Christian. Changing mass priorities: The link between modernization and democracy. **Perspectives on Politics**, v. 8, n. 02, p. 551-567, 2010.

INGLEHART, Ronald; WELZEL, Christian. **Modernization, cultural change, and democracy: The human development sequence**. Cambridge University Press, 2005.

INGLEHART, Ronald; WELZEL, Christian. **Modernization, cultural change, and democracy: The human development sequence**. Cambridge University Press, 2005.

JACOBY, William G. Is there a culture war? Conflicting value structures in American public opinion. **American Political Science Review**, v. 108, n. 04, p. 754-771, 2014.

JONG-SUNG, You; KHAGRAM, Sanjeev. A comparative study of inequality and corruption. **American Sociological Review**, v. 70, n. 1, p. 136-157, 2005.

KINDER, Donald R. **Opinion and action in the realm of politics**. In: Handbook of Social Psychology. Oxford: Oxford University Press.1998.

KING, Gary. REPLICAÇÃO, REPLICAÇÃO. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, v. 6, n. 2, 2015.

- LA PORTA, Rafael et al. The quality of government. **Journal of Law, Economics, and organization**, v. 15, n. 1, p. 222-279, 1999.
- LANDES, David. **Quase toda a diferença está na cultura**. In: HARRISON, Lawrence; HUNTINGTON, Samuel (orgs). A cultura importa. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- LIPSET, Seymour; LENZ, Gabriel. **Corrupção, Cultura e Mercados**. In: HARRISON, Lawrence; HUNTINGTON, Samuel (orgs). A cultura importa. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- LOPEZ-DE-SILANES, R. F. et al. Trust in Large Organizations. **The American Economic Review**, v. 87, n. 2, p. 333-38, 1997.
- PELLEGRINI, Lorenzo. Causes of corruption: a survey of cross-country analyses and extended results. In: **Corruption, development and the environment**. Springer Netherlands, 2011. p. 29-51.
- POWER, Timothy J.; GONZALEZ, Júlio. Cultura política, capital social e percepções sobre corrupção. **Revista de Sociologia e Política**, n. 21, p. 51, 2003.
- PUTNAM, Robert David. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. FGV Editora, 2000.
- SPECK, Bruno Wilhelm. Mensurando a corrupção: uma revisão de dados provenientes de pesquisas empíricas. **Cadernos adenauer**, v. 10, p. 9-45, 2000.
- SWAMY, Anand et al. Gender and corruption. **Journal of development economics**, v. 64, n. 1, p. 25-55, 2001.
- TREISMAN, Daniel. The causes of corruption: a cross-national study. **Journal of public economics**, v. 76, n. 3, p. 399-457, 2000.
- TREISMAN, Daniel. What have we learned about the causes of corruption from ten years of cross-national empirical research?. **Annu. Rev. Polit. Sci.**, v. 10, p. 211-244, 2007.
- United Nations. **Human Development Report**. New York : Oxford University Press. 2009. Disponível em <http://hdr.undp.org/en/media/HDR_2009_EN_Complete.pdf>. Acesso em 20 jun 2016.
- United Nations. **Human Development Report**. New York : Oxford University Press. 2011. Disponível em <<http://hdr.undp.org/en/reports/global/hdr2011/download/>>. Acesso em 20 jun 2016.